

O palimpsesto drumondiano

Thereza da C. A. Domingues*

RESUMO :

Neste artigo, busca-se apresentar duas dimensões do poema “A máquina do mundo”, de Carlos Drummond de Andrade, a primeira – seu caráter de intertexto, já comentada por tantos críticos – inclusive em seu aspecto de epifania, e a segunda, a dimensão mitológica, quando pretendemos aproximar o eu-lírico do *self* junguiano e do *self* cultural, este último arquétipo proposto por Carlos Byington, analista brasileiro, seguidor da corrente da psicologia analítica.

Palavras-chave: Poesia brasileira; Carlos Drummond de Andrade; “A máquina do mundo”

A busca do “fazer vir à tona” não o que é um texto, mas o que significa dado um texto legível, e jamais reduzir o texto a um significado, seja ele qual for, numa proposta de manter sua significância sempre em aberto (BARTHES, 1970, *passim*).

Introdução

O poema “A máquina do mundo” insere-se na obra **Claro enigma**, de Drummond. Para a finalidade desta análise, cabe um breve comentário sobre a produção de Drummond anterior a **Claro enigma**.

Drummond começou sua vida literária com a publicação de alguns poemas em revistas especializadas, logo após a Semana de Arte Moderna, de 1922. Um de seus primeiros trabalhos foi o poema “No meio do caminho”, que o deixou famoso de imediato, devido à celeuma que causou e cuja ambigüidade o coloca, desde então, como tema de diversas interpretações.

Em 1930, por ocasião da publicação de sua primeira coletânea de poesias, **Alguma poesia**, o famoso poema foi nela incluído. Em 1934, publicou **Brejo das almas**; em 1940, **Sentimento do mundo** e, em 1945, **A rosa do povo**. São os dois últimos totalmente diferentes dos primeiros livros, pois neles o poeta se mostrava preocupado com os acontecimentos de seu tempo e com a vida do povo. É de **Sentimento do mundo** o poema “Mãos dadas”, que parece ter sido o ideário de sua vida literária.

* Doutora em Ciência da Literatura, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, e Professora do Programa de Mestrado em Letras, área de concentração: Literatura Brasileira, do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, CES/JF.

Mãos dadas

Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos, mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles, considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.

Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,
não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da janela,
não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,
não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins.
O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes, a vida presente.
(Drummond., 1983, p. 132).

Em seguida, em 1951, Drummond publicou **Claro enigma**. Para Ítalo Moriconi, este é o melhor livro de poesias do século XX (2002, p. 90):

Todas as conciliações e reconciliações são dramatizadas no palco do livro **Claro enigma** que é, sem sombra de dúvida, não apenas o melhor livro de poesia do século, como também a obra mais exemplar do significado profundo do deslocamento estético e intelectual representado pelo modernismo canônico (2002, p. 90).

Demonstrando um projeto artístico inteiramente contrário ao dos livros da década anterior – **Sentimento do mundo**, **A rosa do povo** – em que compusera poesias engajadas socialmente, em **Claro enigma**, abre o livro a epígrafe, tomada de Valéry: “Les événements m’ennuient”, ou seja, “Os acontecimentos me entendiam”.

O próprio título do livro – um oxímoro – é uma contradição entre o adjetivo “claro”, que pressupõe clareza, facilidade de compreensão, límpido, fácil de entender e o substantivo “enigma”, que remete a misterioso, obscuro, de difícil compreensão. O livro nos brinda com um poeta mais reflexivo e filosófico, abordando temas como o tempo, a infância e a velhice, a memória e a morte.

Aos cinquenta anos de idade, Drummond encarava a si mesmo e a sua obra com uma autocrítica madura. Vivenciava a maturidade existencial e poética com tranquilidade, como reflete no soneto “Remissão”:

Tua memória, pasto de poesia,
tua poesia, pasto de vulgares,
vão se engastando numa coisa fria
A que chamas: vida e seus pesares.

Mas pesares de quê? perguntaria
se esse travo de angústia nos cantares,
[...]
enquanto o tempo, em suas formas breves
ou longas, que sutil interpretavas,
se evapora no futuro do teu ser? (Drummond, 1983, p. 262-263).

1. O palimpsesto drumondianno

Fechando o livro **Claro enigma**, temos a parte VI, denominada “A máquina do mundo”, composta de dois poemas: “A máquina do mundo” e “Relógio do Rosário”. Pretendemos nos ater ao primeiro e ressaltar-lhe alguns aspectos que, a nosso ver, são explicativos da obra toda drummondiana.

Na virada do século, em enquete promovida pelo jornal **A Folha de São Paulo**, o poema “A máquina do mundo”, de Drummond, foi considerado o mais significativo poema de todos os tempos da Leitura Brasileira.

É um poema que, apesar de ter uma grande fortuna crítica, ainda nos instiga a apresentar uma nova leitura como homenagem de admiração pelo que ele em nós mobiliza de fruição do texto.

Eis o texto que transcrevemos integralmente:

A MÁQUINA DO MUNDO

1 E como eu palmilhasse vagamente
uma estrada de Minas, pedregosa,
e no fecho da tarde um sino rouco

4 se misturasse ao som de meus sapatos

49 As mais soberbas pontes e edifícios,
o que nas oficinas se elabora,
o que pensado foi e logo atinge

52 distância superior ao pensamento,

- que era pausado e seco; e aves pairassem
no céu de chumbo, e suas formas pretas
- 7 lentamente se fossem diluindo
na escuridão maior, vinda dos montes
e de meu próprio ser desenganado,
- 10 a máquina do mundo se entreabriu
para quem de a romper já se esquivara
e só de o ter pensado se carpia.
- 13 Abriu-se a majestosa e circumspecta,
sem emitir um som que fosse impuro
nem um clarão maior que o tolerável
- 16 pelas pupilas gastas na inspeção
contínua e dolorosa do deserto,
e pela mente exausta de mentar
- 19 toda uma realidade que transcende
a própria imagem sua debuxada
no rosto do mistério, nos abismos.
- 22 Abriu-se em calma pura, e convidando
quantos sentidos e intuições restavam
a quem de os ter suado os já perdera
- 25 e nem desejaria recobra-los,
se em vão e para sempre repetimos
os mesmos sem roteiro tristes périplos,
- 28 convidando-os a todos, em coorte,
a se aplicarem sobre o pasto inédito
da natureza mítica das coisas,
- 31 assim me disse, embora voz alguma
ou sopro ou eco ou simples percussão
atestasse que alguém, sobre a montanha,
- 34 a outro alguém, noturno e miserável,
em colóquio e estava dirigindo:
“O que procuraste em ti ou fora de
- 37 teu ser restrito e nunca se mostrou,
mesmo afetando dar-se ou se rendendo,
e a cada instante mais se retraindo,
- 40 olha, repara, ausculta: essa riqueza
sobrante a toda pérola, essa ciência
sublime e formidável, mas hermética,
- 43 essa total explicação da vida,
esse nexo primeiro e singular,
que nem concebes mais, pois tão esquivo
- 46 se revelou ante a pesquisa ardente
Em que te consumiste... vê, contempla,
Abre teu peito para agasalhá-lo.
- os recursos da terra dominados,
e as paixões e os impulsos e os tormentos
- 55 e tudo que define o ser terrestre
ou se prolonga até nos animais
e chega às plantas para se embeber
- 58 no sono rancoroso dos minérios,
dá volta ao mundo e torna a se engolfar
na estranha ordem geométrica de tudo,
- 61 e o absurdo original e seus enigmas,
suas verdades altas mais que tantos
monumentos erguidos à verdade;
- 64 e a memória dos deuses, e o solene
sentimento de morte, que floresce
no caule da existência mais gloriosa,
- 67 tudo se apresentou nesse relance
e me chamou para seu reino augusto,
afinal submetido à vista humana.
- 70 Mas, como eu relutasse em responder
a tal apelo assim maravilhoso,
pois a fé se abrandara, e mesmo o anseio,
- 73 a esperança mais mínima esse anelo
de ver desvanecida a treva espessa
que entre os raios do sol inda se filtra;
- 76 como defuntas crenças convocadas
presto e fremente não se produzissem
a de novo tingir a neutra face
- 79 que vou pelos caminhos demonstrando,
e como se outro ser, não mais aquele
habitante de mim há tantos anos,
- 82 passasse a comandar minha vontade
que, já de si volúvel, se cerrava
semelhante a essas flores reticentes
- 85 em si mesmas abertas e fechadas;
como se um dom tardio já não fora
apetecível, antes despiciendo,
- 88 baixei os olhos, incurioso, lasso,
desdenhando colher a coisa oferta
que se abria gratuita a meu engenho.
- 91 A treva mais estrita já pousara
sobre a estrada de Minas, pedregosa,
e a máquina do mundo, repelida,
- 94 se foi miudamente recompondo,
enquanto eu, avaliando o que perdera,
seguia vagaroso, de mãos pensas. (Folha de São
Paulo, 2002, p.20)

Como vemos, o poema é composto por noventa e seis versos decassílabos, divididos em trinta e duas estrofes de três versos, ou tercetos. É mais um exemplo da volta ao metro clássico na poesia de **Claro enigma**.

O texto de Drummond ressoa como eco na longa cadeia de poemas da Literatura Ocidental que tem como tema a máquina do mundo, ou seja, dialoga intertextualmente com autores tão antigos como Homero, Dante, Camões, Descartes e Gregório de Matos, entre outros. Não iremos prescindir de algumas dessas vozes em nossa análise, pois, segundo Roland Barthes:

O texto (que se analisa) vale por todos os textos da literatura, não porque os representa (os abstrai e iguala) mas porque a própria literatura não é senão um texto: o texto único não é acesso (indutivo) a um Modelo, mas entrada de um riacho com mil entradas. Seguir esta entrada é visar ao longe, não uma estrutura legal de normas de condutas, uma Lei narrativa ou poética, mas uma perspectiva (de fragmentos, de vozes findas de outros textos, de outros códigos), do qual entretanto, o ponto de fuga é sem cessar tresladado, misteriosamente aberto: cada texto (único) é a própria teoria (e não simples exemplo) desta fuga, desta diferença que retorna indefinidamente sem se acomodar (1970, p. 18-19).

É, portanto, necessário evidenciar ou chamar à cena alguns dos textos retomados para sentirmos se a referência intertextual no poema em análise é uma continuidade ou uma ruptura. Nossas próprias reflexões sobre a intertextualidade nos levam a tecer algumas considerações iniciais, pois hoje em dia, todo um cabedal de conhecimentos foi posto à disposição da crítica literária: da sociologia à psicanálise, da matemática à cibernética: abrindo-se novos horizontes para uma compreensão global do fenômeno literário. Não se concebe mais uma dicotomia entre criação e crítica. A clássica relação autor/obra foi enriquecida com as de leitor/obra, criação/crítica e texto/contexto.

As novas possibilidades de leitura de um texto representam um questionamento sobre os métodos críticos em vigor até há pouco e manifestam ainda uma inquietação geral sobre os resultados dessa crítica, muitas vezes setorizante. Apontam não só para a possibilidade quanto para a necessidade de uma análise mais abrangente da obra literária.

A crítica intertextual, embora reconheça a autonomia do fenômeno literário, não se fecha em função de uma “literariedade” mal compreendida, mas abre-se para o princípio interdisciplinar da investigação literária, ao considerar que todo texto insere-se na história e na sociedade, encaradas “por sua vez como textos que o escritor lê e nos quais se insere ao reescrevê-los” (KRISTEVA, 1974, p. 62).

Afirma ainda Kristeva que a leitura intertextual só se faz possível a partir da concepção de que a escritura não é um ponto fixo e, sim, um cruzamento de superfícies textuais, isto é, “um diálogo de diversas escrituras; do escritor, do destinatário, [...] do contexto cultural atual e do anterior” (Ibid.).

Diante desses relacionamentos, a concepção de pessoa sujeito da escritura cedeu lugar à de ambivalência da escritura. Ambivalência significando, então, a inserção da história (da sociedade) no texto e deste na história, colocando em relevo o fato de que o texto é sempre o resultado do *corpus* literário que o precedeu, ora como absorção, ora como transgressão.

A conclusão proveniente desta relação é a de que o texto só existe a partir de sua recriação numa leitura subjetiva. Desse modo, o leitor é também um texto que vai entrar em diálogo com a escritura, produzindo outra escritura; é o lugar em que o texto se reescreve ao ser acolhido e interpretado.

O texto genial de Drummond está aí, exigindo nossa atenção com mais de meio século de existência. As inúmeras leituras realizadas por competentes críticos sobre o poema em estudo abriram caminhos mas não esgotaram sua essência literária.

Quando Merquior (2002) dedicou-se a apresentar sua forma, em comparação com Dante, ressaltou que “a serena marcha dos tercetos clássicos, mas não no modelo encadeado de Dante, faz de seus versos algo sem precedente na história de nossa lírica” (p. 106).

Em Dante, cada terceto termina em ponto, constituindo praticamente cada terceto um período:

quase tutta cessa
mia visione, ed ancor mi distilla
nel core il dolce Che nacque da essa.

Così la neve al sol si disigilla;
così al vento nelle foglie lievi
si perdea la sentenza di sibilla (Paraiso, XXXIII, 61).

Mas somente no assunto e na aproximação formal podemos comparar Dante e Drummond, pois o tom dos dois textos é bem diverso. Dante rejubila-se com o encontro e o recebe pensando “s’sternare”, retornando a sua fonte, o motor imóvel, o Amor, “che move il sole e l’altre stelle”.

O *topoi* foi retomado por Camões, no Renascimento (Lusíadas, Canto X, v 76-142).

Tomemos a estância 80:

Vês aqui a grande máquina do Mundo,
Etérea e elemental, que fabricada
Assim foi do Saber, alto e profundo,
Que é sem princípio e meta limitada,
Quem cerca em derredor este rotundo
Globo e sua superfície tão limada,
É Deus: mas o que é Deus, ninguém o entende,
Que a tanto o engenho humano se estende.

O homem inebriado por sua visão e sucesso, desafia: “Dê-me extensão e movimento que construirei o universo” (SANT’ANNA, 1977).

Mas a intertextualidade é prática perturbadora, que mostra a necessidade de não deixar o sentido antigo impor-se monologicamente, de evitar o triunfo do já-dito, do já enunciado, por meio de um trabalho de transformação.

Drummond nunca se afastou do realismo que acompanha inteiramente sua obra poética. Seu poema sobre o mesmo tema já visto pelos poetas anteriores tem, necessariamente, que caminhar em direções opostas às dos antecessores. É a visão do homem moderno para a máquina que, na verdade não tem mais segredos para ele.

Drummond inverte os pólos ideológicos dos textos anteriores ao seu. Seu objetivo é o de re-enunciar de forma decisiva o peso de séculos de tradição sobre o tema² e dinamita tanto a visão de ainda ligado ao transcendental de Dante e de Camões, quanto a do homem senhor da natureza e conquistador do universo de Descartes. É o homem que já se cansou até de pensar (“exausta de mentar”) e não está mais aberto a utopias.

Mas só o levantamento intertextual e a constatação de uma ruptura com a ideologia dos textos anteriores não é o suficiente para atingir o âmago da “inquietante estranheza” deste poema. Dizemos inquietante estranheza, pois esse é um texto estranho, tanto na obra de Carlos Drummond de Andrade quanto na literatura brasileira. Por isso, oferecemos ao leitor mais uma possibilidade de leitura, como veremos no próximo item.

2. Self pessoal e self cultural

Na segunda parte do estudo que estamos empreendendo sobre o poema “A máquina do mundo”, chamaremos à cena Jung, com sua teoria psicológica da estruturação da personalidade, e Carlos Byington com o conceito de *self* cultural.

Como sabemos, Jung apresenta a estrutura da personalidade por meio de um modelo dramático, isto é, descreve a pessoa individual como sendo composta por personalidades parciais as quais chama de arquétipos: a Sombra, a *Anima* e *Animus*, o *puer* a mãe terrível, entre outros. Não julgamos pertinente neste artigo apresentar todos os arquétipos, pois temos observado que nas obras literárias sobressai ora um ora outro dentre eles. No poema em estudo, está em processo o caminho da individuação que é a via simbólica que se tem de percorrer para encontrar o *self*, ou arquétipo central.

² Recomendamos a leitura do poema de Haroldo de Campos sobre o mesmo tema: **A máquina do mundo repensada**, de 1999 (Cf. Bibliografia).

O poema todo, a nosso ver, narra a caminhada do eu-lírico em busca do si-mesmo, ou *self*. No início do poema, o eu-lírico palmilha solitário uma estrada “pedregosa”. Simbolicamente, as pedras são uma das imagens mais comuns do *self*, por serem objetos completos, imutáveis e duradouros. Entretanto, o *self* do poeta ainda está sujeito à escuridão “dos montes” e de seu “próprio ser enganado”, cansado já de repetir os mesmos “tristes périplos sem roteiro”.

A máquina do mundo, isto é, uma visão do *self*, abre-se para o poeta, “em calma pura”, convidando-o a ouvi-la com todos os sentidos e intuições que lhe restavam, os quais ele acreditava que de tanto os ter usado (“suado”) já os perdera. A máquina do mundo oferece-lhe coisas grandes e tamanhas, mas o poeta recusa todas as ofertas e prefere seguir seu caminho de mãos vazias. Por que? Se era o *self* que a ele se apresentava, por que a recusa?

Para entender o texto, é necessário que seja feita a distinção entre o *self* cultural e o *self* pessoal. Para Byington (1983), existe um *self* cultural, que predomina social e culturalmente, e um *self* pessoal que é aquele que deve ser alcançado quando se atinge a individuação. Como se deduz do texto, o eu-lírico passou a vida procurando atingir o *self* cultural e era isto o que a máquina do mundo agora lhe ofertava:

a riqueza – “olha, repara, ausculta: essa riqueza / sobrança a toda pérola [...]” (v. 40, 41)

a ciência – “[...] essa ciência / sublime e formidável, mas hermética (v. 41, 42)

as paixões – “e as paixões e os impulsos e os tormentos / e tudo o que define o ser terrestre” (v. 54,55)

a filosofia – “e o absurdo original e seus enigmas, / suas verdades altas mais que tantos / monumentos erguidos à verdade” (v. 61, 62, 63)

a religião – “e a memória dos deuses, e solene / sentimento de morte, que floresce / no caule da existência mais gloriosa” (v. 64, 65, 66).

Ao nos debruçarmos atentamente na leitura do poema, vimos que o eu-poético nos é apresentado pela máquina como um ser que procurava por algo: “O que procuraste em ti ou fora de / teu ser que nunca se mostrou / [...] que se consumia numa pesquisa ardente (v.36, 37, 46). Mas esse homem, que já tinha a “mente exausta de mentar” (v. 18) sobre o mistério e os abismos, já era outro e não mais lhe interessava a oferta generosa que se abria “gratuita” a seu “engenho” pois havia, como que “outro ser, não mais aquele / habitante de mim há tantos anos” (v. 80, 81).

Para nós, esse outro ser, que agia nele como se “passasse a comandar [sua] vontade” (v. 82), era o *self* pessoal – era aquele que se rebelava contra a máquina que falava sem “voz alguma” a um “ser restrito” a quem prometia tudo – “riqueza”, “ciência”, explicações metafísicas sobre a vida. Promessas verdadeiras? Como seriam cumpridas pela máquina? Com verdades ou com mentiras e ilusões? Ideologias? O *self* recusa a oferta e não quer ser vítima de novos engodos, da “Grande Máquina” que lhe oferece um discurso falso e atribui ao caminhante uma procura que não é a dele, com a intenção de fazê-lo mudar de rumo e de meta” (PRADO JR.; PERIUS, 2003, p. 8). Esse falso caminho, o eu-poético recusa-se a percorrer, talvez para não repetir, “em vão” e “para sempre”, os mesmos “sem roteiro triste périplos” (v. 26,27). Estaria o sujeito do poema referindo-se, além das ações repetitivas da vida humana, também aos poetas anteriores que, visionários, se encantaram no encontro epifânico com a máquina do mundo?

A epifania da Máquina tem sido a tônica em várias interpretações. Mas em vez de epifania, ou antes, além da epifania³, propomos esse encontro do eu-lírico com o *self*, com o Si-Mesmo, numa verdadeira metanóia⁴. É como se o poeta dissesse: “prefiro minha dor e meu

³ Epifania – aparecimento ou manifestação reveladora.

⁴ Metanóia – mudança essencial de pensamento, conversão.

não saber a um Saber que eliminaria minha dor e minha própria realidade – nada de Epifania” (PRADO JR.; PERIUS, 2003, p. 10).

Conclusão

O eu-poético, recusando a dádiva da Máquina: “baixei os olhos, incurioso, lasso, / desdenhando receber a coisa oferta / que se abria gratuita a meu engenho”(v. 88, 89, 90) está, na realidade, “invertendo a perspectiva natural”, dizendo sim “à condição humana e à idéia de solidariedade” (PRADO JR.; PERIUS, 2003, p. 10).

Esse “outro ser” era aquele que desdenhava da Máquina. O poeta recusa a oferta e não quer ser vítima de novos engodos da Máquina que oferece ao caminhante a visão de uma realidade maravilhosa e abstrata, mas que confunde sua voz com a ideologia, ou com o *self* cultural, que quer, a todo custo, calar o poeta e “refrear seus impulsos de insubmissão”(STERZI, 2002, p. 74).

O eu-lírico quer assumir a dor, a dúvida, a desvalia, como qualquer ser humano, aos quais conclamou a andarem de “mãos dadas” (ver acima). Seus primeiros versos, onde se afirmava “gauche”, solitário, não foram achados literários, foram, sim, o programa poético desse Carlos Drummond de Andrade que sempre cantou, ora com ternura, ora com humor, a fragilidade da condição humana, mas dela fez matéria de poesia. Podemos ouvir, atravessando toda a sua obra, o olhar atento à humanidade do homem.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983.
BARTHES, Roland. **SZ**. Paris: Du Seuil, 1970.
BYINGTON, Carlos. **Desenvolvimento da personalidade: símbolos e arquétipos**. São Paulo: Ática, 1987.
_____. Uma teoria arquetípica simbólica da História. O mito judaico-cristão como principal símbolo estruturante do padrão de alteridade na cultura ocidental. **Junguiana**, São Paulo, ano 1, n. 1, p. 120-177, 1983. (Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica)
CAMÕES, Luís de. Os Lusíadas. In: _____. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1963.

- CAMPOS, Haroldo de. **A máquina do mundo repensada**. São Paulo: Ateliê, 1999.
- CIDADE, Hernani. **Luís de Camões – o épico**. Lisboa: Livraria Bertrand, 1968. v. 2.
- CORREIA, Marlene de Castro. **Drummond: a magia lúcida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- DOMINGUES, Thereza da C. A.; CASTRO, Maria de Lourdes. O palimpsesto camoniano. **Convergência Lusíada**. Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura, 1980. p. 163-178.
- DOMINGUES, Thereza da C. A. **O patriarcado sombrio em *Os servos da morte***. Tese (Doutorado). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.
- FRANCHETTI, Paulo. Funções e disfunções da máquina do mundo: o poeta Haroldo de Campos retoma assunto tratado por Camões e Drummond. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 24 set. 2000. Disponível em <<http://www.atelie.com.br/zmaquina.htm>> Acesso em: 02 nov. 2003.
- FRIEDRICH, Hugo. **Estrutura da lírica moderna**. Tradução de Marise M. Curioni. São Paulo: Duas Cidades, 1991.
- GOLDMANN, Lucien. **Structures mentales et création culturelle**. Paris: Anthropos, 1970.
- HEBDIGE, Dick. The poetics of postmodernism: reflections. [s.n.t.]
- LITRENTO, Oliveiros. Os Lusíadas e o Direito Internacional. **Camões e os Lusíadas**. Rio de Janeiro: Universidade do Estado da Guanabara, 1974. p. 115-131.
- MERQUIOR, José Guilherme. A máquina do mundo. In: _____. **Razão do poema**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- MORICONI, Ítalo. **Como e por que ler a poesia brasileira do século XX**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- NOGUEIRA, Nícea H. de Almeida. **Laurence Sterne e Machado de Assis: a tradição da sátira menipéica**. Rio de Janeiro: Galo Branco, 2006.
- PRADO JR., Bento; PERIUS, Cristiano. A vasta periferia. **Folha de São Paulo**. Mais. São Paulo, 27 de out. de 2002. Mais! n. 559, p. 8-10.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Carlos Drummond de Andrade: análise da obra**. Rio de Janeiro: Documentário, 1977.
- _____. **Drummond, o gauche no tempo**. Rio de Janeiro: Record, 1992.
- SOARES, Tatiana Alves. **A máquina do mundo: o olhar do Anjo Torto sobre os barões assinalados**. Disponível em <http://www.filologia.org.br/vicnlf/anais/caderno04_03.html> Acesso em: 02 nov. 2003.
- STERZI, Eduardo. Drummond e a poética da interrupção. In: ____ et al. **Drummond revisitado**. São Paulo: Unimarco, 2002. p. 50-90.
- TADIÉ, Jean-Yves. Sociologia da literatura. In: _____. **A crítica literária no século XX**. São Paulo: Bertrand Brasil, 1992.
- TEIXEIRA, Jerônimo. Coisas fora do tempo: a poética do resíduo. In: ____ et al. **Drummond revisitado**. São Paulo: Unimarco, 2002, p. 91-105.
- TELES, Gilberto Mendonça. A variante expressiva: “Camond & Drumões”. In: _____. **Camões e a poesia brasileira**. 3. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979. p. 239-262.
- _____. O discurso poético de Drummond. In: _____. **A escrituração da escrita**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- _____. **O privilégio de ler Drummond**. Rio de Janeiro, 2002 (Inédito).

ABSTRACT

In this essay, we try to show two dimensions of the poem “A máquina do mundo” of Carlos Drummond de Andrade, the first – its feature of intertext, already discussed by several critics – including its aspect of epiphany,

and the second, the mythological dimension when we intend to make close the lyrical “I” of Jungian self to the cultural self, as proposed by Carlos Byington, Brazilian analyst and follower of the analytical psychology trend.